

DOCUMENTÁRIO AMBIENTAL: notas sobre uma produção com educandos

Lívia de Rezende Cardoso*
Tássia Alexandre Teixeira**

RESUMO

A produção de documentário pelos educandos é uma das formas de possibilitar a educação em torno do ambiente, pois há interação entre os alunos, construção do conhecimento a respeito do tema e atrai a atenção para entender um pouco a respeito do que os cerca. Neste artigo, nos propusemos discutir em que medida a produção de um documentário pelos educandos e professora auxilia na educação ambiental. Para tanto, trabalhamos com vinte e dois alunos do sétimo ano do ensino fundamental durante alguns encontros para discussão a respeito do tema, dos roteiros, das filmagens e edição dos vídeos. Assim, constatamos que produzir documentário com os alunos torna-os atores da aprendizagem, capazes de conviver em grupo, promove a comunicação, favorece uma visão sob aspectos sociais, culturais e econômicos.

Palavras-Chave: Documentário. Educação. Ambiente.

ABSTRACT

An Environmental Documentary Film: Remarks On Carrying It Out With Students

Encouraging students to make a documentary film is one of the ways to enable them to learn about the environment because there is interaction among students and construction of knowledge in the subject. Besides, it draws their attention to what surrounds them and helps them understand it. In this paper, we aimed at discussing to what extent making a documentary film helps students and teachers in Environmental Education. Therefore, we set a few meetings with twenty two seventh graders in order to discuss the topic, the scripts, the filming and the edition of the videos. Results show that making a documentary with students enables them to become learning agents who work in teams, to foster communication and to develop social, cultural and economic understanding of the world.

Keywords: Documentary. Education. Environment.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: livinha.bio@gmail.com.

** Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do Colégio de Ciências Pura e Aplicada de Aracaju. E-mail: tassiaalexandre@gmail.com

INTRODUÇÃO

A prática de produção de vídeos tem tornado-se comum entre os adolescentes. Apesar de estar ligado ao entretenimento, esse recurso pode ser utilizado como atividade com grande potencial educativo por apresentar muitos benefícios. Dentre eles, tem-se o desenvolvimento do pensamento crítico, a promoção da comunicação e expressão, favorecimento de uma visão interdisciplinar e a valorização do trabalho em grupo (Vargas, Rocha e Freire, 2007). Além disso, o cinema hoje é um modo de expressão cultural da sociedade que oportuniza enfocar aspectos culturais, históricos e políticos, trazendo para sala de aula o contexto em que vive o educando, ao mesmo tempo em que os leva para fora dela a fim de conhecer mais sobre sua realidade (Araújo, 1995).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê que o ensino fundamental tem como objetivo a formação básica do cidadão mediante, entre outros, “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (Brasil, 1996 p.12). Assim, a temática escolhida para ser abordada na produção do documentário foi Meio Ambiente. A cada dia, esse tema tem sido motivo de muitas pesquisas entre estudiosos de diversas áreas, inclusive da educação (Sato e Santos, 2003). Porém, Reigota (2007) afirma que a proposta de se trabalhar meio ambiente nas escolas não deve ser meramente uma prática pedagógica voltada para transmissão de conhecimentos sobre ecologia, mas uma educação que vise à utilização consciente dos recursos naturais e à participação dos cidadãos nas decisões sobre as questões ambientais.

A produção do documentário pode ser uma ferramenta que contribui para melhoria do comportamento do educando em relação ao ambiente que vive, pois, para Souza e Nascimento Júnior (2005), é importante a elaboração de técnicas, materiais didáticos e pedagógicos que viabilizem a prática da educação ambiental nas escolas, possibilitando modificar a conduta dos educando perante o meio ambiente. Desta forma, a presente pesquisa objetivou analisar como a produção de um documentário pelos educandos pode auxiliar a educação ambiental. Assim, a pesquisa foi realizada com 22 alunos do 7º ano de uma escola particular de Aracaju-SE. Esta teve cunho

qualitativo porque, segundo Haguette (1997), este tipo de pesquisa permite uma compreensão maior dos fenômenos sociais. Inicialmente, os alunos fizeram uma pesquisa no laboratório de informática da própria escola sobre ambiente para que todos pudessem ter uma compreensão maior sobre o tema.

Em seguida, em sala de aula, os alunos responderam a um questionário sobre ambiente, pois isto nos permitiu diagnosticar o que eles entendiam por tal tema. Além disso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foi importante conhecer bem o perfil dos educandos e a relação que possuíam com o ambiente que os cercam de modo que deu subsídios para etapa seguinte. Depois, foi feita uma análise das respostas para obtenção dos dados, pois é necessário “a leitura detalhada de todo o material transcrito, na identificação de palavras e conjunto de palavras que tenham sentido para a pesquisa” (Oliveira et al, 2003, p. 82).

Num outro momento, foi aberta uma discussão com os alunos a respeito das questões abordadas no questionário com o intuito de refletir sobre a percepção de meio ambiente que muitos educando tinham. Para complementar, foi pedido para que eles trouxessem no encontro seguinte imagens ou fotos que representassem o meio ambiente ora discutido para construção de um painel e novas discussões, além disso, puderam visualizar nas imagens (sem movimento) o que poderiam mostrar no documentário (com movimento). No encontro seguinte, os alunos apresentaram imagens das quais foram construídos conceitos do que seria meio ambiente e apresentei a proposta do documentário. A partir daí, apresentei aos alunos o conceito de roteiros, explicando quais são os seus elementos e características, pois isso facilitou a elaboração do roteiro do vídeo documentário em que os alunos reunidos escreveram o que foi gravado (Vargas, Rocha e Freire, 2007). Com a sala dividida em três grupos, foram elaborados os “roteirinhos” do que seria gravado para montagem do documentário. Cada grupo escreveu o nome do local e também qual o texto a ser dito em cada lugar, sempre referente ao que se queria mostrar.

Prontas as cenas, iniciamos as gravações com a utilização de câmeras digitais portáteis evitando custos elevados, porém com aparelhos de boa qualidade, para não perder a resolução das imagens. Cada filmagem foi feita com os alunos atuando e operando a câmera,

porque assim eles se sentiam mais à vontade para falar. Em alguns momentos, quando os alunos estavam todos envolvidos e atuando, ajudamos com a câmera. Alguns cuidados importantes foram tomados no momento das gravações como: verificar o áudio da câmera quando inicia e quando termina cada gravação e sempre que encerrar uma gravação armazenar em outros locais como CD ou pen drive para evitar perder o material antes da edição (Vargas, Rocha e Freire, 2007).

As filmagens foram feitas em diversos locais o que deu uma maior possibilidade de os alunos se envolverem com diversas pessoas e ambientes aracajuanos, tais foram: Parque da Sementeira, Calçadão da 13 de julho, viaduto do DIA, obras de urbanização, ruas da cidade, dentre outros. As escolhas dos alunos pelos locais foram justificadas também pela acessibilidade dos mesmos. Por fim, fizemos a avaliação do processo através de uma discussão na qual os alunos (produtores) assistiram ao vídeo junto com outros alunos (telespectadores). Com isso, pudemos realizar um comparativo entre o que se fez e o que foi assistido. Ou seja, tínhamos o intuito de perceber se o que foi transmitido no documentário era o que realmente foi pensado e elaborado.

RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO

Desde seu surgimento, há mais de cem anos, o cinema tem ocupado um papel importante na vida das pessoas. Roquete Pinto, pioneiro nesse campo no Brasil, afirmou, em 1936, que “o ideal é que o cinema e o rádio fossem, no Brasil, escolas dos que não tem escolas”. Ele já previa o quanto este meio de comunicação tinha uma função educativa para população, sendo esta escolarizada ou não (Fabris, 2008).

No passado, os filmes não tinham legenda e som durante as projeções. Eram apenas a imagem e uma espécie de explicador que contava a história para o público. Segundo Carriere (1995), o explicador apontava para as imagens com um bastão e descrevia a cena, com isso as reações do público eram diversificadas. Hoje, em meio à cultura da imagem em que vivemos, assistir a um filme, seja para qual objetivo for, pressupõe aprendizagem. Segundo Fabris (2008, p.118), “os filmes são produções em que a imagem em

movimento, aliada as múltiplas técnicas de filmagem e montagem e o próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações”.

Mesmo de forma insipiente, a relação entre cinema e educação aparece nas pesquisas educacionais brasileiras (Loureiro, 2003; Loureiro e Della, 2003). A maior tendência de estudos sobre este tema se dá através da análise de filmes, o que indica que este tipo de produção não é apenas uma nova tecnologia utilizada no trabalho pedagógico. É uma fonte de formação humana repleto de crenças, valores comportamentais e éticos que constituem a vida social (Loureiro, 2003). Em contrapartida, Duarte (2002) afirma que o cinema em relação a outras temáticas de investigação ainda sofre uma defasagem.

A literatura especializada aponta vários benefícios educacionais na produção de vídeos documentários pelos educandos. Bortoliero (1989) afirma que os documentários, além de modificar suas vidas, facilitam discussões e debates sobre problemas nacionais, permite maior acesso à cultura popular, maior incentivo à produção independente, além de ter um papel decisivo quanto à democratização do saber científico, permitindo o acesso de um número maior de pessoas ao conhecimento.

No entanto, esse tipo de trabalho ainda pode ser enriquecido se a produção dos vídeos não for apenas simples filmagens, mas trabalho que englobe seus processos básicos: a pré-produção a produção e a pós-produção. Na pré-produção, cabe o planejamento e a preparação do projeto e para isso algumas medidas devem ser elaboradas como: a sinopse que é o resumo geral do que vai ser exibido no vídeo; o argumento cujo objetivo é descrever brevemente como se desenvolverá a ação e o roteiro onde está o detalhamento de tudo que acontecerá no vídeo textualmente. Na produção são feitas as gravações do vídeo, tudo o que foi elaborado no papel agora será gravado.

CONCEPÇÃO ACERCA DO AMBIENTE

Quanto à percepção dos alunos acerca do meio ambiente apresentada a partir das respostas dos questionários, observamos, inicialmente, o que era meio ambiente para eles. As respostas não foram muito divergentes, variando apenas em três tipos de respostas. Assim, 52,6% dos estudantes definiram ambiente como um local

constituído por plantas, animais, florestas e seres vivos em geral. Para estes alunos, somente elementos da natureza formam o meio ambiente. Eles não consideram o que é construído pelo homem como natural e, menos ainda, percebem o ambiente à sua volta. Isso pode ser observado em algumas respostas: *Para mim, meio ambiente são todas as plantas e animais do planeta* (Q.19); *É a mata, os animais, as florestas e tudo que há nela* (Q. 10).

Ao responderem *é o lugar onde vivemos* (Q.03), outro grupo de alunos (31,5%) define meio ambiente como o espaço onde residimos, moramos, estudamos. Enquanto os 15,9% de alunos restantes, simplesmente, o concebe como um lugar importante para o homem, quando afirmam que, por exemplo, *eu entendo que é uma coisa muito importante para os seres humanos* (Q. 07). A partir desses resultados, verificamos que não existe um consenso sobre o que é meio ambiente. Isso se justifica pelo fato de cada um possuir sua própria concepção a respeito do assunto. Por mais que os conteúdos, geralmente, sejam transmitidos da mesma maneira, cada um tem sua forma de interpretar e reconstruí-los.

Reigota (2007) afirma que nem na comunidade científica existe consenso e supõe que nem mesmo fora dela isso deva ocorrer. Por conta disso, este autor considera a noção de meio ambiente uma representação. Esta, por sua vez, são conceitos expressos na forma como foram aprendidos e internalizados pelas pessoas. Araújo (2004), ainda infere que:

O conceito de ambiente tem evoluído ao longo das últimas décadas. A princípio compreendia uma concepção puramente biofísica só recentemente, passou, continuamente, a agregar elementos que dão novos significados semânticos, evoluindo, assim, para uma concepção mais ampla, que considera como constituintes do ambiente os aspectos ecológicos, econômicos e políticos. (p.67)

Na segunda questão, foi pedido que os alunos expusessem o que eles mais gostam de falar a respeito do meio ambiente, possibilitando ter opções para escolha de temas para elaboração do documentário. Assim, 68,4% dos alunos responderam que o tema preferido está relacionado a animais, plantas, água e ar. Ou seja, fazem menção, mais uma vez, à natureza, separando aquilo que é

tocado daquilo que não foi tocado pelo homem. Essa natureza intocada pode ser observada nas respostas que se seguem: *Os animais, pois eu adoro, é divertido falar deles* (Q.10); *Sobre as plantas, a terra e os animais* (Q.18).

Outros 31,6% disseram preferir falar a respeito dos problemas ambientais (15,8%) e da conscientização (15,8%) que cada um deve ter para o meio ambiente ser melhor. É notável a perspectiva que eles têm a respeito dessa melhoria. Porém, eles não percebem que essas idéias são construídas naturalmente voltando-se apenas para os aspectos biológicos. Além disso, na concepção desses alunos, o homem estaria separado da natureza.

A terceira questão pediu que os alunos apresentassem algumas formas de como interagem com o meio ambiente, objetivando perceber qual a relação que eles têm diante do ambiente em que vivem. Então, ao responderem que *eu vivo no ambiente, preservo e respeito!* (Q.13), a maioria dos alunos diz interagir com o ambiente, tendo atitudes de preservação. Os outros 21,1% fazem referência à conscientização ao escreverem que *eu interajo com o meio ambiente conscientizando as pessoas* (Q.05).

É importante ressaltar que eles se referem a termos – preservo, respeito, conscientizo – bastante utilizados em livros, placas, TV, folhetos dentre outros meios quando se trata deste tema. Porém, sempre o relacionam à natureza intocada, não levando em conta a interação com a escola que freqüentam, os transportes que usam, os amigos com quem falam, aspectos tecnológicos e sociais.

A quarta questão propõe aos alunos que digam em quais espaços eles já ouviram falar sobre meio ambiente com o intuito de perceber qual a referência que os mesmos têm para tratar do assunto. As respostas mostraram que mais da metade dos alunos tem a mídia como referência de espaço que trata sobre o tema. A televisão e o rádio, dentre outros, são os principais veículos de comunicação: *eu vejo em muitos lugares como: TV e rádio* (Q.11) e *todos os dias ouço falar de meio ambiente, principalmente em jornais da TV* (Q. 18). Isso pode ser justificado pelo fato de as representações de natureza serem, persistentemente, representadas pela mídia e suas produções de maneira poderosa (Amaral, 1997). Esta mesma autora afirma que estas representações produzidas pela publicidade, se perpetuam e atualizam o paradigma da ciência moderna que centraliza a idéia de

separação de cultura e natureza, construindo uma identidade social que vê na natureza o oposto da cultura.

Outra porcentagem considerável (31,6%) afirma ter ouvido falar do tema na escola. Isso se justifica pelo fato de ser um tema abordado pelo menos em uma das séries de cada etapa do ensino proposto inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Além disso, vale ressaltar que as falas dos estudantes – ao perceberem o ambiente como natureza intocada – também estão relacionadas com a prática pontual e disciplinar da educação ambiental desenvolvida pelos professores.

A menor parte (15,8%) firma que o tema esteve presente em casa. Apesar de parecer um pequeno número, representa pelo menos uma parte de pessoas que discutem esse tema muitas vezes considerado irrelevante em família. Isso pode ser demonstrado nas falas: *Eu ouvi falar sobre Meio Ambiente na minha vida social em casa* (Q. 16) e *Bem, pela primeiríssima vez, foi em casa* (Q. 01).

A quinta questão solicitou aos alunos que dissessem de quem é a responsabilidade de cuidar do meio ambiente. De modo unânime, os mesmos atribuíram esse encargo a todos nós. Apesar disso, cada um deu sua justificativa, como podemos ver nos trechos abaixo:

De todos nós, pois existem ainda pessoas que prejudicam o ambiente e exploram, também tem a responsabilidade do governo de proibir essas pessoas de explorar o meio ambiente (Q.07).

Cuidar do meio ambiente é responsabilidade de todos nós, pois sem o meio ambiente nós não seríamos nada (Q.19).

Como é possível perceber no primeiro trecho, eles conseguem ir além do entendimento do seu papel a cumprir. Apresentam uma visão política dessa responsabilidade com o meio ambiente, não colocando os políticos como responsáveis diretos, mas como colaboradores da sociedade que o elegeu. Outros justificaram a pergunta com o fato de dependermos ecologicamente do meio ambiente pra sobreviver. Isso representa uma contradição visto que demonstraram, em questões anteriores, separar o homem da natureza, e, agora, percebem que estamos submetidos ao ambiente e não ele a nós. Devendo, portanto, haver assim uma harmonia entre ambos, pois qualquer forma de desarmonia existente entre os elementos constituintes do meio

ambiente (físicos, políticos, sociais e culturais) acarreta danos imensos a todos os integrantes do planeta (Reigota, 2007).

A sexta questão propôs que os alunos dissessem se gostavam do ambiente onde vivem. Formulamos esta pergunta de modo que eles entendessem que estão inseridos num dado ambiente. Os resultados obtidos foram: 73,6% assinalaram que sim; 21,1% disseram que mais ou menos e 5,3% que não. Cada um deu sua justificativa para explicar a resposta dada, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Sim, lá tem muito espaço aberto, coisas que eu gosto e pessoas legais (Q.19).

Não, porque o que eu conheço está tudo poluído e destruído (Q.04).

Mais ou menos, tem muita violência, poluição sonora e visual (Q.15).

Cada resposta revela um pouco do contexto social em que eles estão inseridos. Na primeira resposta, que foi a da maioria, eles demonstram gostar do meio ambiente, isso porque segundo Chaves (2004), muitas vezes eles vivem cercados de espaços para lazer como shoppings, praias, clubes e praças o que os faz sair da rotina e encontrar um lazer confortável. Na segunda resposta, houve uma negação, apesar de ter sido a minoria, todos justificaram a presença da poluição como fator causador da destruição do meio ambiente.

Na resposta três, é possível perceber como o aluno observa o meio ambiente não só com aspectos físicos, mas também a situação social quando revela a presença da violência. É por esse motivo que as cidades tornaram-se ambientes de difícil convivência onde as pessoas passam a ter muros enormes, grades, seguranças dentre outros elementos de proteção tornando o ambiente mais fechado e de difícil acesso (Chaves, 2004).

Na questão sete, perguntamos aos alunos se existem soluções para os problemas ambientais e 100% deles responderam que sim dando algumas justificativas como podemos observar nas respostas que se seguem:

Sim, realizando os três R reciclar, reutilizar e reduzir (Q.14).

Sim, conseguimos resolver conscientizando as pessoas de que não podemos fazer o mal para o meio ambiente como explorar, poluir, etc., devemos interagir mais com o meio ambiente pelo bem dele (Q.07).

Assim como nas respostas anteriores, essas fazem menção a soluções voltadas para atitudes como forma de não comprometer o meio ambiente. Aliás, como disseram na questão cinco, é de responsabilidade do ser humano proteger e preservar o seu meio.

Na oitava e última questão, foi perguntado aos alunos se existe alguma relação entre meio ambiente e qualidade de vida. Todos responderam que sim, sendo que 5,3% desses não souberam justificar qual seria essa relação. Os outros 94,7% deram justificativas bem coerentes. Dentre elas, tivemos:

Sim, para termos uma boa qualidade é preciso de um meio ambiente limpo e saudável (Q.04).

Sim, em um ambiente bom, qualquer um se sente bem e vive melhor (Q.19).

Sim, devemos preservar o meio ambiente para que tenhamos uma melhor qualidade de vida (Q.08).

Cada aluno deu sua justificativa levando em consideração o que para ele é mais importante o que mais satisfaz suas necessidades tanto interna quanto externamente, pois, segundo Coimbra (2002), a qualidade de vida é o somatório de vários fatores provenientes da interação entre sociedade e ambiente, atingindo a vida no que diz respeito às suas necessidades biológicas e psíquicas. Porém, devemos desconsiderar que tais “necessidades” são impregnadas pelo contexto cultural em que vivemos, produzindo valores e atitudes.

Após análise dos questionários, foi feito um encontro com os alunos para que pudessemos discutir a percepção deles sobre meio ambiente. Para iniciar, escrevemos o significado de meio ambiente no quadro, fazendo com que eles, imediatamente, se manifestassem e entendessem *que então, o meio ambiente não é só plantas e animais*. Essa visão que eles apresentavam, segundo Reigota (2007), é denominada naturalista e a que foi posta em discussão passa a ver o ambiente como tudo a sua volta incluindo o que é construído ou modificado pelo ser humano é denominada de holística.

Em seguida, lemos pra eles algumas definições de meio ambiente de alguns autores, pedimos para que fizessem um paralelo entre cada autor e íamos colocando no quadro essas pontuações. Nessa etapa, eles foram muito participativos e foi possível

reconstruir com eles o conceito naturalista que eles apresentaram inicialmente, passando assim a considerar no seu novo conceito outros aspectos do meio ambiente. Nesse momento, um deles fez uma comparação entre o meio ambiente que ele vivia e o do seu primo que mora em outro bairro mais distante e comentou: *professora, cada um tem uma visão porque ao seu redor, existem coisas diferentes*. Com isso acrescentamos que ele estava correto, pois cada um vai dizer aquilo que vê e sente em seu meio. Então, prosseguindo, solicitamos que trouxessem, no dia seguinte, imagens do que pra eles agora representava o meio ambiente.

Como combinado, os alunos trouxeram várias imagens de revistas, jornais e de internet. Notamos que nenhum deles trouxe fotos reais com a presença deles mesmos. Enfim, as imagens eram bastante diversificadas, nelas havia o ser humano e seres vivos em geral, imagens com lugares bonitos com parques, praças, praias e inclusive escolas e pessoas em locais de trabalho, como também lugares considerados por eles mesmos como “feios”, bairros pobres ou sem condições básicas de vida. Dentre elas algumas chamaram a atenção pelos comentários e comparações que os mesmos fizeram.

Segundo os próprios estudantes, certas imagens mostravam contrastes entre crianças e adolescentes de níveis sociais diferentes. Quando perguntamos o porquê do contraste, eles responderam que enquanto algumas crianças vão à escola estudar almejando um futuro promissor, outras não têm escolha tendo que trabalhar pra sustentar suas famílias. Um deles comentou: *tia, a vida que cada uma destas crianças vai levar será diferente e talvez por isso eles vejam, sintam e vivam diferente o Meio Ambiente*.

Quando observamos duas imagens que representavam favelas, foi notória a expressão de espanto. Então, perguntamos por que fizeram “aquelas caras” e eles responderam que aquele não era um meio ambiente digno de ninguém, *acho que todos merecem um lugar melhor pra viver*. A partir daí discutimos que aquela era a realidade de muitos e aquele era o ambiente que aquelas pessoas viviam.

Ao observar imagens de momentos de lazer, as expressões foram de alegria, risos e satisfação, pois estas mostravam um ambiente bonito e desejável para muitos, construídos pelo homem, mas que também constituem o Meio Ambiente. Isso se justifica ao fato de segundo Chaves (2004), o homem sempre buscar viver em

lugares que lhe tragam alegria e prazer tornando sua vida melhor.

Com estas observações, pudemos introduzir um pouco daquilo que compôs o documentário produzido por eles. Então, explicamos aos alunos qual seria o nosso próximo passo: produzir os roteiros. Para tal, esclarecemos como se produzia um roteiro, mostrando passo a passo o que e como deveria ser escrito, já que a partir dali se iniciariam as filmagens. Em seguida, dividimos a turma em três grupos e cada um tratou de um subtema no roteiro.

ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS

Em outro dia, nos reunimos para elaboração dos roteiros, pois segundo Vargas, Rocha e Freire (2004), essa elaboração dá aos educandos uma visão geral de todo o processo de modo a facilitar a produção e contribuir para que os mesmos ganhem autonomia em relação ao que estão produzindo. Assim, com a turma dividida em três grupos, começamos a discutir o que filmar e ficou decidido que trataríamos do Ambiente que vivemos e os principais temas abordados seriam: manguezal, praias e cidade. A justificativa para a escolha foi a facilidade de acesso para filmagem e a diversidade de abordagens que poderíamos fazer para enriquecer nosso documentário.

Os próprios estudantes tiveram idéias do que filmar a respeito de cada subtema. Para manguezal, eles definiram que seria importante mostrar qual a importância do manguezal social e ecologicamente, mostrar também manguezais que não sofreram ação antrópica e aqueles que foram agressivamente atingidos com esgotos, lixo e aterramento. Evidenciar pessoas que vivem diretamente dependendo dele, tais como os catadores de caranguejo. Para fechar propusemos que fosse feita uma entrevista com algum especialista da área, que tivesse fundamentação científica para falar do tema e os alunos demonstraram muito entusiasmo.

As escolhas dos tópicos para manguezal se deveram ao fato de o mesmo ser bastante discutido por especialistas e pela degradação que vem sofrendo. Pereira (2009) afirma que:

Apesar de grande importância ambiental, social e econômica os manguezais são ecossistemas que vem sofrendo inúmeros impactos. Embora protegidos por mecanismos legais, muitas áreas de

manguezal estão sendo destruídas e muitas outras já desapareceram das costas brasileiras. Sendo assim, entendemos que é necessária, uma ação integrada de recuperação, conservação e estudos sobre os impactos ambientais que vêm sendo exercidos sobre estes ecossistemas. (p.5)

A professora escolhida no documentário é professora da Universidade Federal de Sergipe e especialista em Ecossistemas Costeiros e tem trabalhos publicados sobre o tema, dando, assim, riqueza de informações ao documentário.

Prosseguindo, o grupo de praia teve idéias criativas, todas sugeridas por eles mesmos, dentre elas: entrevistar frequentadores como, por exemplo, turistas e banhistas locais, pois ambos dariam a sua opinião a respeito de o que este ambiente representa para eles; pessoas que trabalham na praia, como ambulantes e bombeiros, porque a visão deles é diferente da nossa já que eles vêm esse lugar também como um local de trabalho e não só como local para lazer. A praia escolhida foi à praia de Atalaia, pois, segundo os próprios alunos, é a de melhor acesso para todos.

A todo o momento, tivemos a preocupação de deixá-los criar e penetrar de modo reflexivo no ambiente em que vivem. Isto porque, Cunha e Guerra (2005) ressaltam que estes subtemas têm uma grande relevância sócio-ambiental-cultural, já que fazem parte da realidade dos alunos que por viverem cercado de manguezal e praias, necessitam aprender e desenvolver atividade que esclareçam mais a respeito deles.

No roteiro de cidade, houve certa dificuldade na escolha do que filmar. A princípio, eles queriam mostrar as belezas (como pontos positivos) e os problemas da cidade (como pontos negativos). Porém, houve muitos lugares a serem escolhidos. Para seleção dos locais, fizemos uma eleição entre eles. Os locais escolhidos que mostram a cidade em aspectos positivos foram: Parque da Sementeira, Calçadão da 13 de julho, viaduto do DIA e outras obras de urbanização. Considerando os aspectos negativos seriam: os canais de esgoto espalhados pela cidade, transportes públicos lotados e lixo pelas ruas.

Com isso, acreditamos que, ao fazê-los olhar criticamente para o ambiente em que vivem, estaríamos contribuindo para uma

reflexão pontual e local, mas que poderá se tornar em algo maior, processual e global. Segundo Cunha e Guerra (2005, p. 18), “a solução para os problemas ambientais da cidade até chegarmos ao planeta, pode começar com um simples gesto de não jogar um papel de bombom no chão ou quem sabe, até um grande movimento público em favor do Meio Ambiente”.

Além disso, destacamos que todos os roteiros foram produzidos por eles. Laura Maria Coutinho afirma que existem muitos benefícios trazidos por recursos audiovisuais como este, principalmente quando a produção é feita pelos educandos, tais como: aprenderem a trabalhar em grupo, desenvolver um sentido estético e aprender a se expressar por meio de uma linguagem que incorpora sons e imagens. Ela ainda ressalta que este tipo de trabalho é mais do que “uma câmera na mão” implica em muito trabalho e para isso é necessário seguir todos os passos inclusive o da elaboração dos roteiros que é fundamental para que todo trabalho prossiga (Chamarelli, 2009).

A elaboração dos roteiros com os subtemas escolhidos teve uma abordagem não obstante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que trazem o Ambiente como primeiro bloco temático discutido nele, sendo que outras temáticas, que tenham relação com esse tema, não só podem como devem ser trabalhados e discutidos com os alunos ampliando seus conhecimentos a respeito do que os cercam. Segundo Brasil (1998),

Os conteúdos devem ser relevantes do ponto de vista social e ter revelados seus reflexos na cultura, para permitirem ao aluno compreender, em seu cotidiano, as relações entre o homem e a natureza mediadas pela tecnologia, superando interpretações ingênuas sobre a realidade à sua volta. Os Temas Transversais apontam conteúdos particularmente apropriados para isso. (p.16)

Como observado, toda elaboração dos roteiros houve a preocupação de fazer uma ponte entre os conteúdos abordados e a realidade que os alunos envolvidos estavam inseridos.

NOTAS SOBRE AS FILMAGENS

As filmagens foram realizadas em média por 30 dias, uma vez que foram feitas sempre às quintas e sextas à tarde e aos sábados pela manhã. Nossos encontros eram na escola e de lá nos deslocávamos com todo o material. Todas as vezes que saímos para filmar foram enviadas correspondências aos pais ou responsáveis explicando hora de saída e chegada como também os locais onde estávamos no horário. Antes de iniciarmos as filmagens, cada aluno levou uma autorização pra casa para ser assinada pelos responsáveis autorizando a veiculação da imagem no documentário. Além disso, os entrevistados também receberam outra autorização com a mesma finalidade.

Durante as filmagens não havia separação por grupos, todos podiam participar afim de que, desta forma, todos aprenderiam o assunto que seria abordado. Antes de cada filmagem, os alunos pesquisavam a respeito do local filmado na internet, em livros, revistas ou até com os próprios pais, uma vez que alguns moravam próximos dos locais filmados e vivenciavam aquele espaço. Todas as filmagens foram feitas por eles, porém, em alguns momentos, também contribuímos, segurávamos a câmera e corrigíamos ou complementávamos os textos que eles apresentavam nas filmagens para que tudo saísse o mais correto possível.

Nos primeiros dias, os alunos demonstraram timidez, medo e ao mesmo tempo seriedade no trabalho que realizavam. Começando por fazer pequenos testes na própria escola com as câmeras para verificar se tudo estava correto. Tudo era gravado como planejado, mas havia uma grande dificuldade em transportar os alunos por tantos locais distintos e um deles sugeriu pedir ajuda ao pai e todos concordaram. Nos encontros seguintes, os pais também participaram ativamente, não só nos conduzindo a cada local, mas também sugerindo pontos de onde a filmagem poderia ter mais êxito.

Cada vez que saímos para as filmagens, os alunos se sentiam confiantes no que faziam e o faziam com prazer, pois, segundo Chamarelli (2009), os estudantes sentem que estão fazendo algo grandioso. Notamos isso quando ouvimos expressões como: *professora este trabalho vai ficar muito bom, estamos aprendendo mais assim.*

No dia seguinte ao último dia de filmagens, partimos para edição, que foi realizada por uma das autoras desse trabalho em conjunto com um aluno da mesma escola. Durante a edição, não foi possível colocar todas as gravações por problemas com o áudio muito baixo. Porém, as selecionadas estavam em boas condições. O programa utilizado foi o *Windows Movie Maker 2* por sua facilidade de utilização. A edição dos vídeos foi feita por um aluno da escola que se prontificou a ajudar, uma vez que os outros alunos não entendiam do programa.

Com o documentário pronto, em um dia de aula na escola, unimos os alunos do 7º ano os quais produziram o vídeo com os alunos do 6º ano considerados espectadores. Colocamos um *data show*, uma vez que este produz uma imagem ampla e visível e uma caixa de som para reprodução do documentário. Durante a sessão, notamos os alunos produtores bastante satisfeitos com o resultado e os espectadores com os olhos fixos no que assistiam.

Quando concluída a apresentação, perguntei aos alunos do 6º ano o que sentiam ao ver aquele trabalho e se conseguiram entender o que foi feito. Imediatamente responderam que o vídeo era sobre meio ambiente. Então, perguntei se havia ficado claro para eles o que era meio ambiente e aos poucos eles foram dizendo como se pode notar nas respostas: *É tudo que está a nossa volta tia; É tudo que nos cerca.*

Nesse momento, perguntamos o que havia chamado mais a atenção deles e foram dadas diversas respostas. Alguns gostaram do manguezal em especial da entrevista com a especialista, inclusive fizeram perguntas a respeito de termos utilizados pela professora que eles não entendiam de que se tratava e nós fomos esclarecendo com ajuda dos alunos produtores. Isso pode ser observado nas falas a seguir: *O que é estuário?; O que é sedimento? E restinga?; Professora, gostei de manguezal porque agora sei que não é só caranguejo que tem nele; Essa professora da entrevista falou que o manguezal é um berçário para muitos animais, o que isso quer dizer?.*

Em geral, a discussão foi bastante produtiva em que cada aluno deu sua opinião a respeito do que viu, pois cada indivíduo tem uma percepção, uma reação e uma resposta particular diante do que encontra (Faggionato, 2008). Quanto aos alunos do 7º ano, eles

falaram da satisfação de elaborar e produzir um trabalho, que estavam emocionados e o mais importante: poder aprender de uma maneira prática sobre o tema trabalhado no documentário. Fabris (2008) afirma que enquanto produzem os alunos não apenas se divertem como também desenvolvem uma pedagogia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa, foi possível chegar a resultados bastante satisfatórios, não havendo desvio dos objetivos traçados. Os alunos foram bastante participativos e interagiram entre si, conosco e com a família, que também participou da nossa produção, levando nossos resultados a irem além das expectativas. Toda a produção do documentário conseguiu fazê-los perceber o que é ambiente e demonstrar a relação existente entre eles e o ambiente em que vivem. Além disso, foi possível romper alguns paradigmas como, por exemplo, o de que esse tema sempre está relacionado ao natural, sem considerar o construído e tocado pelo homem. Propiciou aos alunos a capacidade de pesquisarem mais e descobrir diversos valores culturais e sociais os quais não conheciam. Cada local visitado propiciou novas experiências de vida, pois eles mantiveram contato com pessoas de realidades diferentes das quais eles vivem.

A divisão em subtemas possibilitou o aumento de reflexão dos mesmos em cada assunto tratado, uma vez que foi necessário serem feitas algumas pesquisas. Também notamos que a aprendizagem dos alunos foi construída por eles de forma flexível e prática, levando-os a aprender com o que existe em sua volta, desenvolveram senso crítico em relação às escolhas que fazem, superaram a timidez, ampliaram seu espaço discursivo e valorizaram o trabalho em grupo. Apesar de toda essa aprendizagem construída com os educandos, é importante ressaltar que este trabalho não determina o fim dessa discussão, mas abre um precedente para se continue pesquisando e discutindo acerca da relação entre Cinema e Educação, uma vez que há muitos trabalhos apenas de análise ou utilização de filmes prontos quando na verdade é bastante educativo a elaboração e atuação em todo o processo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. B. *Representações de natureza na educação pela mídia*. Dissertação. (Mestrado). UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação. 1997.
- ARAÚJO, I. *Cinema: o mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995.
- BORTOLIERO, S. *A Produção de vídeos educacionais e científicos nas universidades brasileiras: a experiência do centro de comunicação da universidade estadual de campinas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. 1996.
- CARRIERE, J. C. *A Linguagem Secreta do Cinema*. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHAVES, R. *Aracaju, pra onde vai?*. Aracaju: Conselho Estadual de Cultura, 2002.
- COIMBRA, J. A. A. *O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental*. Campinas: Millennium, 2002.
- CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. *A questão ambiental: diferentes abordagens*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FABRIS, E. H. Cinema e educação: um caminho metodológico. *Revista Educação e Realidade*, jan./jun. 2008.
- FAGGIONATO, S. *Percepção Ambiental*. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia>>. Acesso em: 13 out. 2009.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOUREIRO, R. Educação cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. *Revista Educação e Realidade*, jan./jun. 2007.
- LOUREIRO, R. e DELLA F. *Indústria Cultural e Educação em “Tempos Pós-Modernos”*. Campinas: Papirus, 2003.
- OLIVEIRA, E. ENS, R. T. ANDRADE, D. B. S. F. MUSSIS, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, 2003.
- PEREIRA, A. K. *Sociedade X Meio Ambiente*. Disponível em: <<http://www.reciclagem.net>>. Acesso em: 10 jun. 2009.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SATO, M.; SANTOS, J. E. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In: NOAL, F.; BARCELOS, V. (Orgs.). *Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 253-283.

SOUZA, D. C; NASCIMENTO JÚNIOR, A.F. Elaboração e produção de jogos de salão ecológicos: uma proposta lúdica à educação ambiental. *In: ANAIS DO II FORUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO* – Formação, Trabalho e Educação. Torres: ULBRA, 2005.

VARGAS, A. ROCHA, H. V. e FREIRE, F. M. P. *Promídia*: produção de vídeos digitais no contexto educacional, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br>>. Acesso em: 18 maio 2009.

